

Inflação tem o pior março da era do real

Inflação é a maior para março em 28 anos, e mercado vê mais aperto no juro

Com disparada de combustíveis e alimentos, IPCA vai a 1,62% e atinge 11,30% em 12 meses

Leonardo Vieceli

RIO DE JANEIRO Impactada por combustíveis e alimentos, a maior inflação para março em 28 anos fez o mercado financeiro elevar as projeções para o IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) no acumulado de 2022.

A disparada dos preços também joga mais pressão sobre o Banco Central, que tende a ampliar o ciclo de alta na taxa

básica de juros, a Selic, para tentar frear a carestia, avalia analistas.

Em março, o IPCA registrou inflação de 1,62%, informou nesta sexta-feira (8) o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Trata-se da maior alta para o mês desde 1994 (4,275%), antes do surgimento do real.

O resultado veio bem acima da mediana das projeções do mercado. A expectativa era

de inflação de 1,35%, de acordo com a agência Bloomberg. No acumulado de 12 meses, o IPCA chegou a 11,30% até março. É o maior nível desde outubro de 2003 (13,98%) nessa base de comparação.

O mercado até espera uma perda de fôlego no acumulado e o retorno da inflação para um dígito até dezembro, em um contexto de juros mais altos, trêgua nas contas de luz a partir da terceira metade

de abril e alguma melhora no abastecimento de insumos.

Contudo, essa desaceleração encontra uma série de riscos pela frente e pode ser mais lenta do que a esperada inicialmente. Não à toa, as projeções para o IPCA estão sendo revistas para cima.

A LCA Consultores, por exemplo, aumentou nesta sexta-feira a estimativa de inflação de 7,5% para 8% ao fim de 2022.

“Entendemos que esse resultado do IPCA de março mostrou pressões bastante disseminadas”, indicou a casa em relatório.

Já o Santander Asset deve aumentar sua estimativa de 7% para perto de 7,5%.

Em relatório, Eduardo Jarra, economista-chefe do Santander Asset, afirma que os dados de março indicam “mais cautela quanto ao processo de desinflação dos próximos

meses, potencialmente mais lento e incerto do que o esperado anteriormente”.

O forte avanço de 1,62% foi puxado pela carestia dos combustíveis, especialmente da gasolina, e dos alimentos. No entanto, analistas enxergam pressões mais espalhadas entre os setores da economia.

Sinal disso é que o chamado índice de difusão ficou acima de 70% pelo quarto mês consecutivo, conforme o IBGE.

Indicador mede o percentual de bens e serviços com alta de preços no mês, em uma amostra com 377 componentes.

No mês passado, a difusão subiu para 76,13%. É o nível mais intenso desde fevereiro de 2016 (77,21%). Na prática, o índice está mais disseminada pela economia.

Continua na pág. A19

Inflação é a maior para março em 28 anos, e mercado vê mais aperto no juro

Continuação da pág. A17

Segundo analistas, a comida subiu com o clima adverso na largada do ano. Fortes chuvas no Sudeste e seca no Sul castigaram plantações, gerando reflexos sobre a oferta de alimentos e os preços finais.

Na combinação entre o tamanho do aumento e o peso na cesta de produtos, o tomate foi quem mais pressionou a alta de março entre os alimentos. O produto teve impacto de 0,28 ponto percentual no IPCA.

Fora dos alimentos, o óleo diesel foi o item que mais avançou em março: 13,65%. Trata-se da sétima maior alta de toda a pesquisa.

A carestia do diesel veio na esteira do mega-aumento dos combustíveis promovido pela Petrobras nas refinarias em 11 de março. O item também pressiona os alimentos, por que encarece o custo do frete no país, indicou o IBGE.

Em outro reflexo do mega-aumento, o transporte por app teve a segunda maior alta fora dos alimentos: 7,98%.

Há um espalhamento muito preocupante da inflação. Fica a dúvida se os juros em 12,75% ao ano serão suficientes para controlar o cenário. Acho que não. A gente deve ter uma alta adicional”, diz Sérgio Vale, economista-chefe da consultoria MB Associados.

A Selic está em 11,25% ao ano. A partir de sinalizações dadas pelo BC, parte do mercado esperava que a taxa de juros subisse um ponto percentual em maio, para 12,75%, encerrando o ciclo de alta. Mas, com a inflação persistente, o aperto pode continuar em junho.

Por ora, a MB Associados projeta Selic de 13% ao fim de 2022, mas não descarta uma taxa maior, de 12,5%.

Em relação ao IPCA, a consultoria manteve a previsão de alta de 7,8% no acumulado do ano. No entanto, uma inflação acima dos 8% até dezembro não está descartada, diz o economista. “Há um grande risco de a inflação fechar acima dos 8%”, afirma Vale.

A Selic mais alta é uma arma do BC para tentar frear a demanda por produtos e serviços, em uma tentativa de atenuar os preços.

Também pode atrair mais recursos estrangeiros para o país, reduzindo a cotação do dólar e, consequentemente, a inflação. Analistas, contudo, chamam a atenção para os riscos que permanecem no cenário.

Em março, 8 dos 9 grupos de produtos e serviços pesquisados pelo IBGE tiveram alta de preços. A maior variação (6,32%) e principal impacto (0,35 ponto percentual) foram dos transportes.

Na sequência, veio o grupo de alimentação e bebidas. O segmento teve alta de 2,42% e respondeu por 0,51 ponto percentual de impacto. Juntos, os dois grupos contribuíram com cerca de 72% do IPCA.

O resultado de transportes foi influenciado pela alta dos preços dos combustíveis. A Selic está em 11,25% ao ano. A partir de sinalizações dadas pelo BC, parte do mercado esperava que a taxa de juros subisse um ponto percentual em maio, para 12,75%, encerrando o ciclo de alta. Mas, com a inflação persistente, o aperto pode continuar em junho.

A estatal reajustou os preços de gasolina, óleo diesel e gás de cozinha devido à disparada do petróleo. A commodity subiu na ocasião com os reflexos da guerra na Ucrânia.

Já os alimentos, segundo o IBGE, ficaram mais caros devido a questões como o clima adverso na largada do ano no Brasil.

Houve fortes chuvas no Sudeste e seca no Sul, o que afetou a produção e os preços. A pressão do diesel sobre os custos dos fretes é apontada como outra possível explicação para a carestia da comida.

Nesta sexta, a Necton Investimentos também revisou sua projeção para o IPCA de 2022. A alta prevista passou de 6,77% para 7,4%.

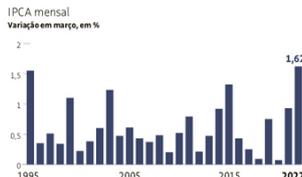
Segundo André Perfeito, economista-chefe da Necton Investimentos, os dados de inflação de março reforçam a perspectiva de aperto monetário mais longo. A Selic deve subir para 12,75% em maio e, na sequência, alcançar pelo menos 13,25%, indicou Perfeito.

Na visão de José Francisco de Lima Gonçalves, economista-chefe do banco Fator, o IPCA de março “complicou” o Copom (Comitê de Política Monetária do BC).

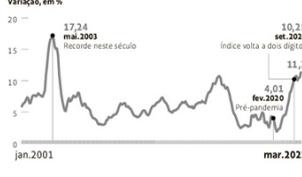
“O Copom fica mais pressionado a prolongar o ciclo de alta da Selic. Nosso cenário já incluía a Selic em 13,25% até o fim do ano”, apontou relatório assinado pelo economista.

Já a Ativa Investimentos aumentou a projeção para o IPCA deste ano de 6,85% para 7,65%. A casa ainda revisou as expectativas para a inflação do próximo ano (de 3,8% para 4,1%) e de 2024 (de 3,4% para 3,2%).

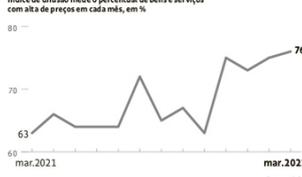
Inflação em disparada no Brasil



IPCA no acumulado de 12 meses



Aumentos mais espalhados



Melão fica na dianteira, mas tomate pesa mais

RIO DE JANEIRO Comparar frutas e legumes, usar aplicativos de transporte ou abastecer o carro. Tudo isso ficou mais custoso para o brasileiro em março.

Entre os produtos que registraram as maiores altas, houve predomínio de alimentos. O melão teve o avanço mais intenso da pesquisa: 35,18%.

Em seguida, aparecem pimentão e cenoura, com altas de 33,12% e 31,47% em março. A cenoura, aliás, acumula disparada de 166,17% nos últimos 12 meses. É a maior inflação nesse recorte.

Tomate (27,22%), repolho (26,72%) e mamão (19,51%) também ficaram mais caros em março.

Segundo analistas, a comida subiu com o clima adverso na largada do ano. Fortes chuvas no Sudeste e seca no Sul castigaram plantações, gerando reflexos sobre a oferta de alimentos e os preços finais.

Na combinação entre o tamanho do aumento e o peso na cesta de produtos, o tomate foi quem mais pressionou a alta entre os alimentos. O produto teve impacto de 0,28 ponto percentual no IPCA.

Fora dos alimentos, o óleo diesel foi o item que mais avançou em março: 13,65%. Trata-se da sétima maior alta de toda a pesquisa.

A carestia do diesel veio na esteira do mega-aumento dos combustíveis promovido pela Petrobras nas refinarias em 11 de março. O item também pressiona os alimentos, por que encarece o frete.

Inflação deve continuar forte até as eleições

IPCA em 12 meses ficará acima de 10% ao menos até agosto; 2023 vai depender de quase sorte, isto é, do dólar

ANÁLISE

Vinícius Torres Freire

SÃO PAULO A inflação é a maior em quase 30 anos — 19 anos e três meses, para ser preciso. Bateu em 11,3% ao ano em março. É a segunda maior desde 1999, desde o início do sistema de metas para a inflação, e o segundo surto de preços mais duradouro desde então.

Ainda vai durar mais: deve ficar acima de 10% até pelo menos agosto. Assim, a taxa básica de juros deve ir além dos 12,75% projetados pelo Banco Central. É possível que o IPCA de 2022 fique entre 7,5% e 8%.

Para falar francamente, o futuro da inflação até 2023 depende de quase sorte: do preço do dólar. Isto é, da sorte e de não se apontar mais de sastre até lá, como uma campanha eleitoral louca na economia e na política.

O archo monetário vai tornar ainda mais difícil a vida do próximo governo. O povo já sabe que a vida está ainda mais difícil do que de costume, mas relevante da comida é também o maior desde 2002. A inflação dos alimentos no domicílio voltou a acelerar, em termos anuais, indo a 13,7%. Já foi a 21,1% em novembro de 2020. Mas o preço da comida sobe a partir de um degrau muito alto.

Inflação geral, o IPCA, acumulada em 12 meses até março deste ano perde apenas para a carestia dos meses entre de fins de 2002 e meados de 2003, provocada por uma grande desvalorização do real, por sua vez causada pelo pânico da eleição de Lula 1.

A carestia de agora também foi causada por uma desvalori-

zação relevante do real (o dólar ficou 26% mais caro entre fevereiro de 2022 e dezembro de 2021). Os preços também pularam por causa de um choque mundial, recentemente agravado pela guerra na Ucrânia e, em parte menor, mas relevante, pelo desgoverno.

A alta de preços dos anos de Jair Bolsonaro também está no pódio quando se trata de difusão dos aumentos (quantos produtos subiram de preço em certo mês, com o percentual total de preços pesquisados). Em março, o índice de difusão foi de mais de 76%. Perde apenas para a inflação causada pela eleição de 2022 e pelo choque do governo Dilma 2 (2015-2016), que liberou preços antes tabelados e também enfrentou uma desvalorização forte da moeda, provocada pelo tumulto político.

Além de difusa pela medida

da quantidade relativa de produtos que encarecem, a inflação se espalha segundo também outros critérios. A inflação anual de bens comercializáveis era de 10,4% em março de 2021, foi a 12,5% em março deste ano. A de bens não comercializáveis foi de 2,7% a 8,2% nesse período.

“Bens não comercializáveis” são aqueles que, em geral ou por algum bom tempo, não são negociados no mercado externo (exportados ou importados) em geral serviços, alguns alimentos, por exemplo. Os “comercializáveis” são em geral os que têm seus preços determinados diretamente no mercado mundial, grosso modo (combustíveis, grãos, minérios, carnes, produtos industriais etc.).

Os preços “não comercializáveis” costumam ser pressionados quando há aumentos

rápidos de salário. Não é o caso no momento.

O choque de combustíveis contamina outros preços. Há mais inflação com a retomada da atividade do setor de serviços, em boa parte inativo no pior momento da epidemia. Pode ser ainda que já exista alguma “inércia” (reajuste quase automático pela inflação passada ou também por expectativa de inflação duradoura).

A inflação do setor de serviços era de 17% ao ano em março de 2021 e em março de 2022, de 6,3%. Nesse período, o IPCA passou de 6,1% para 11,3%, sempre na medida acumulada em 12 meses.

A indústria, além do mais, tem custos aumentados por causa da escassez de muito insumo, ainda devido a oferta reduzida ou procura alta, depois do pior da epidemia, além de problemas de trans-

portes. O problema não vai passar tão cedo.

A redução do preço da energia elétrica, a partir de metade de abril, deve ter um pouco de alta do IPCA (que deve continuar). Caso o real se valorize ou permaneça no atual preço, deve haver alguma ajuda também (isto é, “tudo mais constante”).

No entanto, mesmo com a valorização da moeda brasileira neste 2022 e alguma moderação na carestia do petróleo, o preço do barril em reais ainda é cerca de 16% maior do que no início do ano. Tem gordura para queimar aí.

Uma campanha eleitoral com muitos disparates econômicos ou tumulada por causa da escassez de muito dólar. De mais certo é que a carestia continuará reduzindo o valor real do salário até bem entrado 2023.

Fontes: IBGE

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado **Caderno:** A **Página:** 17 e 19